



Voz da Fátima

Director:
PADRE LUCIANO GUERRA
Ano 65 — N.º 774 — 13 de Março de 1987

Redacção e Administração
SANTUÁRIO DE FÁTIMA — 2496 FÁTIMA CODEX
Telef 049 / 52122 — Telex 42971 SANFAT P

ASSINATURAS INDIVIDUAIS
Portugal e Espanha 120\$00
Estrangeiro (via aérea) 250\$00

PORTE PAGO

Propriedade: FÁBRICA DO SANTUÁRIO DE NOSSA SENHORA DE FÁTIMA — PUBLICAÇÃO MENSAL — AVENÇA — Depósito Legal n.º 1673/83

Vamos fazer Quaresma nos 70 anos das Aparições de Fátima

Andam por aí multidões de fumadores a dizer que agora é que é, e afinal nunca mais é. Andam por aí multidões de doentes a aze r propósito de comer sem sal, e afinal nunca mais são capazes. Há por aí inúmeros jovens drogados a querer libertar-se, e não encontram força para isso. Em inúmeros lares há inferno todos os dias ou todas as semanas porque o marido se embebedou, e ninguém põe cobro à infelicidade das esposas e dos filhos que não aguentam. Tantos diabéticos a saberem que o açúcar os conduz à sepultura, e não têm força para resistir ao ambiente, que por tudo e por nada faz festa e quer repastar-se com bolos. E os gordos, que ou emagrecem ou levam abaixo as já exíguas forças do coração? E os jovens, que matematicamente perdem a noite de sábado para domingo em discotecas onde estrangulam o corpo e dão cabo da alma? E os ladrões? E os adúlteros? E os namorados que andam com duas ou três? E os cristãos que deixaram a missa dominical? E essa gente toda que sabe perfeitamente ser vítima de um frenesim de vai-vem sem descanso, sem tempo para nada,

nem para os filhos, nem para os pais, nem para os avós, nem para os amigos doentes, nem para eles mesmos?

Temos ou não temos razão para fazer quaresma? Têm para já razão os que precisam dela para si mesmos. Porque estão mal. Porque estão em grave risco de se perderem.

Têm também razão, muito mais razão, aqueles que conseguem levar uma vida equilibrada diante dos homens e de Deus. Para esses as razões da fé têm de ser mais determinantes. Para esses soa mais fresco o apelo do Anjo e de Nossa Senhora em Fátima.

E para todos os que acreditam na mensagem de Nossa Senhora para este século XX, não haverá melhor ocasião para começar a fazer quaresma a sério do que este ano 70.º das aparições.

Não espere que lhe façam um programa geral. Faça você o seu programa. E diga todos os dias até à Páscoa, como Nossa Senhora ensinou aos pastorinhos de Aljustrel: «Ó Jesus, é por vosso amor, pela conversão dos pecadores, e em reparação dos pecados cometidos contra o Imaculado Coração de Maria.»

Sabedoria o amor e o temor

A humanidade vem fazendo um esforço muito louvável no sentido de diminuir a presença do medo no mundo, libertando as pessoas do peso que o medo traz consigo, da tristeza que envolve, e da paralisia que provoca, assim como também da revolta a que muitas vezes conduz. Pelo menos desde que Rousseau tentou provar que o homem é um ser naturalmente bom, a quem a educação estraga sempre que não respeite a natureza, muitos vêm fazendo desta crença um princípio de acção nos mais variados campos. Daí resulta, por um lado, minimizam a presença do mal no coração dos homens, das crianças e dos jovens, e por outro levantam-se contra todas as instituições que pretendem levar os homens ao bom caminho através do medo, ou, como costumamos dizer, *metendo-lhes medo*. De facto, é possível que noutras como na nossa civilização, o provérbio «o medo é que guarda a vinha» tenha introduzido a convicção de que, pelo menos em certa medida, o medo é necessário nas nossas relações de sociedade para nos mantermos dentro dos limites impostos pelo bem. Claro que na opinião destes que acham o medo uma realidade não só natural, mas mesmo digna de ser fomentada, as instituições que se servem do medo, desde a família até às prisões e às guerras, e ao armamento, são uma necessidade para manter em respeito quem de outro modo abusaria do seu poder. Não se fala hoje de um «equilíbrio do terror» e das armas atómicas, para justificar que as grandes potências continuem as suas experiências e armazenamentos bélicos, na esperança de que assim o «adversário» seja contido no seu atrevimento e arrogância?

Toda esta introdução foi feita a pensar no TEMOR DE DEUS. É que, dentro, mas sobretudo fora da Igreja, muita gente se tem levantado nos últimos tempos contra uma certa ideia que terá sido injectada às gerações passadas dentro do cristianismo, e sobretudo do catolicismo, segundo a qual Deus aparece mais como um Juiz vingativo do que um Pai misericordioso. Daí o acusar-se também a mensagem de Fátima por apresentar às crianças, e por elas a nós, uma visão bastante ou totalmente aterradora do Inferno, como se fosse o ponto mais alto da palavra de Deus para os homens dos nossos dias, na Cova da Iria. E alguns foram ao ponto de dizer que, na descrição que faz do Inferno, a Irmã Lúcia terá sido vítima das leituras que sua mãe lhe fazia a

Continua na página 2

70 anos das Aparições

No número de 15 de Fevereiro, o jornal «A Voz do Domingo» publicava uma carta pastoral de D. Alberto Cosme do Amaral, Bispo de Leiria-Fátima, dirigida aos seus diocesanos, sobre o septuagésimo aniversário das aparições de Nossa Senhora na Cova da Iria, datada de Leiria, 13 de Janeiro de 1987.

Desta carta publicamos alguns excertos nos quais o Senhor Bispo de Leiria-Fátima se refere mais explicitamente à vivência da Mensagem de Fátima nos setenta anos das aparições de Nossa Senhora.

Devemos rejubilar e estar muito gratos ao Santo Padre João Paulo II por se ter dignado assinalar este 70.º aniversário das Aparições na Cova da Iria com dois grandes acontecimentos: a proclamação do Ano Mariano, que, tendo o seu início na Solenidade do Pentecostes, em 7 de Junho deste ano, será encerrado na Solenidade da Assunção de Nossa Senhora, em 15 de Agosto de 1988; e ainda a Carta Encíclica sobre o mistério de Maria. Embora o Santo Padre nos tenha falado tanto da Virgem Santíssima

desde o momento da sua eleição para o Sumo Pontificado, determinou falar de novo, e agora de modo mais expressivo e solene — de Maria *nunquam satis* —, o que significa que jamais esgotaremos o conteúdo do mistério de Maria, tão profundamente unido ao mistério de Cristo.

(...)
Para já, desejava proclamar um Advento do Ano Mariano e da anunciada encíclica. (...)

Concretizando: viveremos es-

Continua na página 2

Contemplar como o Francisco

O Francisco não parecia irmão da Jacinta senão nas feições do rosto e na prática da virtude. Não era, como ela, caprichoso e vivo; era, ao contrário, de natural pacífico e condescendente.

Quando, nos nossos jogos e brincadeiras, algum se empenhava em negar-lhe os seus direitos por ter ganhado, cedia sem resistência, limitando-se a dizer apenas:

— Pensas que ganhaste tu? Pois sim! A mim, isso não me importa.

Não manifestava, como a Jacinta, a paixão pela dança; gostava mais de tocar o píforo, enquanto os outros dançavam.

Nos jogos, era bastante animado, mas poucos gostavam de jogar com ele, porque perdia quase sempre.

(...)

Recordo que chegou, um dia, a minha casa com um lenço de bolso, com Nossa Senhora da Nazaré pintada, que dessa praia acabavam de lhe trazer. Mostrou-me com grande alegria e toda aquela criançaada o veio admirar. De mão em mão, a poucos instantes, o lenço desapareceu. Procurou-se, mas não se encontrava. Pouco depois, descobriu-o no bolso de um outro pequeno. Quis-lho tirar, mas ele porfiava que era dele, que também lho tinham trazido da praia. Então, o Francisco, para acabar com a contenda, aproximou-se, dizendo:

— Deixa-o lá! A mim que me importa o lenço?

(IV Memória, n.º 1, Edição Postulação dos Videntes, 3.ª Edição, 1978, pag. 110).

Amar como a Jacinta

Um dos seus jogos preferidos era o das prendas. Ela gostava de mandar correr atrás das borboletas até apanhar uma e levá-la. Outras vezes mandava procurar uma flor qualquer que ela escolhia.

Um dia, jogávamos isto em casa de meus pais e tocou-me a mim mandá-la a ela. Meu irmão estava sentado a escrever junto duma mesa. Mandei-a, então, dar-lhe um abraço e um beijo, mas ela respondeu:

— Isso, não! Manda-me outra coisa. Por que não me mandas beijar aquele Nosso Senhor que está ali? (era um crucifixo que havia pendurado na parede).

— Pois sim — respondeu — Sobes acima duma cadeira, traze-lo para aqui e, de joelhos, dá-lhe três abraços e três beijos: um pelo Francisco, outro por mim e outro por ti.

— A Nosso Senhor dou tantos quantos quiseses.

E correu a buscar o crucifixo. Beijou-o e abraçou-o com tanta devoção, que nunca mais me esqueceu aquela acção. Depois, olha com atenção para Nosso Senhor e pergunta:

— Por que está Nosso Senhor assim pregado numa cruz?

— Porque morreu por nós.

— Conta-me como foi. (...)

Ao ouvir contar os sofrimentos de Nosso Senhor, a pequenita enterneceu-se e chorou. Muitas vezes, depois, pedia para lha repetir. Chorava com pena e dizia:

— Coitadinho de Nosso Senhor! Eu não hei-de nunca fazer nenhum pecado. Não quero que Nosso Senhor sofra mais.

(I Memória, cap. 1, n.º 2-3, Edição da Postulação dos Videntes, 3.ª Ed., 1978, pag. 22-23)

Só os pobres podem amar os pobres

A Quaresma convida-nos a viver mais intensamente o mistério de Cristo, que é mistério de amor. Tempo de conversão, de mudança de vida, a Quaresma há-de levar-nos a meter dentro do nosso coração os sentimentos de Jesus para com a multidão dos homens que passam ou vivem ao nosso lado, sem excluir aqueles que passam ou vivem longe.

O amor cristão, como o de Cristo, não conhece fronteiras. Mas temos de ser realistas. O amor universal não passa de um sonho muito belo, se não começamos por acudir aos que estão junto de nós: na nossa casa, na nossa família, no bairro, na rua, na paróquia em que estamos inseridos. E todos estão famintos. Todos precisam de nós. Todos são pobres, até aqueles que chamamos ricos e possuem muitos bens materiais. São pobres de amor, de verdade, de justiça, de presença, de comunhão, de carinho, de sorriso, pobres de luz, dessa luz verdadeira que ilumina todo o homem ao vir ao mundo (Cfr. Jo. 1, 9).

A Quaresma leva-nos a pensar no mistério pascal que é o mistério de Cristo, padecente, morto e ressuscitado por amor. Celebramos a dádiva que Jesus fez de Si mesmo aos homens. Cada cristão é chamado a ser dádiva, dádiva generosa e gráuita. Para tanto, é necessário ter «um coração de pobre, olhos e mãos de pobre» (Cfr. Mensagem de João Paulo II, Quaresma 1987).

Só pode dar e, sobretudo, só pode dar-se quem se despoja de si próprio, quem vive a nudez total do seu eu. É sobre a rocha viva do nada de mim que eu posso levantar o templo do amor, da entrega. Se dás, ou mesmo se te dás, para que te correspondam em gratidão, não dás; trocas simplesmente. És comerciante. Quantos confundem o amor com o delírio da posse! Dão para fazer escravos. O amor, o amor gratuito, e só este liberta. Liberta quem dá e liberta quem recebe.

«Pobres, sempre os tereis convosco!» Que rica esta promessa de Jesus! Ela é garantia da presença do amor entre os homens. Haverá amor na medida em que haja essa pobreza interior. Só esta é fonte de paz, de alegria, de beatitude. O instinto de posse é, afinal, a causa de todos os sofrimentos do homem. Sim, é verdade: Só os pobres podem amar os pobres!

† ALBERTO COSME DO AMARAL
Bispo de Leiria-Fátima

Sabedoria, o amor e o temor

(Continuação da 1.ª página)

partir de um célebre livro, que teve uma difusão muito persistente no seu tempo de criança, e se chamava «Missão abreviada». Nesse livro se poriam muito mais em relevo os castigos de Deus do que os seus prémios e o seu perdão.

Os cristãos são portanto convidados, por estas circunstâncias, a uma reflexão renovada acerca de tudo o que se liga com o juízo de Deus a seu respeito e da humanidade em geral. É um problema velho, que alguns pensaram resolver de modo um pouco simplista, pretendendo distinguir como que duas facetas de Deus, a de Juiz implacável e a de Pai misericordioso, atribuindo a primeira ao Antigo Testamento e a segunda ao Novo. Talvez pensassem encontrar suficiente suporte para tal distinção, no facto de uma ou outra passagem do Novo Testamento poder dar azo a tal interpretação. Assim, por exemplo, e apesar de nós, no catecismo, seguindo Isaías 11.3, enunciarmos o «temor de Deus» como um dos dons do Espírito Santo, S. Paulo escreveu, na 2.ª Carta a Timóteo, cap. 1, vers. 7, que «Deus nos não deu um espírito de temor, mas de fortaleza, amor e sabedoria»; e S. João, na sua primeira carta, 4.18, escreve que «no amor não há temor, antes o perfeito amor lança fora o temor, porque o temor pressupõe o castigo, e o que teme não é perfeito no amor.»

Como poderemos conciliar estas afirmações do Novo Testamento com o elogio perma-

nente que o Antigo, sobretudo os livros sapienciais, nos faz do temor de Deus, elogio que parece ter uma das suas expressões mais sublimes logo no primeiro cap. do Livro dos Provérbios, onde se diz esta coisa imensa que «o temor do Senhor é o princípio da sabedoria»?

A resposta só pode encontrar-se numa *atenção muito piedosa* a tudo o que em tantos lugares da Sagrada Escritura o Senhor nos ensina, assim como às expressões doutrinárias que a Igreja vem definindo ao longo dos séculos, e que nos manifestam a infinita riqueza não só dos «sentimentos» do Senhor para conosco, mas também de nós para com Ele.

Do amor do Céu ao terror do Inferno vai uma gama imensa de cambiantes em que cada um de nós se pode mover na sua vida espiritual, atendendo a que nem a totalidade do amor nem a totalidade do temor lhe serão acessíveis senão na eternidade. Até lá, e enquanto caminheiros, movemo-nos entre o amor supremo e o temor supremo, na convicção de que ambos podem vir a fixar eternamente o nosso coração, e de que só com a graça de Deus poderemos mover-nos justamente entre os dois, sem a ilusão do amor puro nem o terror do ódio irreversível. O Senhor tenha compaixão de nós, Ele que nos criou para nos amar como filhos, a nós que tantas vezes «jogamos» com Ele, numa mistura mais ou menos pura, e mais ou menos impura, do amor e do terror.

P.º LUCIANO GUERRA

Os 70 anos das Aparições de Fátima

(Continuação da 1.ª página)

te advento em maior intimidade com Nossa Senhora. O programa que já propôs ao Movimento dos Cruzados de Fátima desejo vivamente que seja assumido por todos os diocesanos de Leiria-Fátima. Esta intimidade com Maria iríamos concretizá-la na fidelidade às expressões de piedade mariana que a Santa Igreja aprovou ao longo dos séculos e nos foram recomendadas pelo Concílio (L. G. 66) e pelo magistério pós-conciliar (Cfr. *Marialis Cultus*, 40, e os mais variados documentos de João Paulo II).

Posso lembrar aqui algumas dessas devoções Marianas, sem prejuízo daquelas que cada um pode escolher com toda a liberdade e espontaneidade, sob a acção do Espírito Santo. Algumas são extraordinariamente simples, acessíveis às próprias

crianças: as três ave-marias de manhã e à noite; o «ángelus» ou «ave-marias» ou «trindades» de manhã, ao meio-dia e ao cair da noite. Seria bom restaurar, onde tiver desaparecido, esse costume tão belo de tocar os sinos a recordar o momento desta oração mariana.

(...)

Neste renovado amor às expressões de devoção para com Nossa Senhora, não podemos esquecer o Rosário de que têm falado insistentemente os Sumos Pontífices e tão recomendado por Nossa Senhora. Lembraria ainda: a «salve-rainha», a consagração «Ó Senhora minha, ó minha Mãe», a súplica de São Bernardo, «Lembraivos...», a devoção dos cinco primeiros sábados, expressamente pedida por Nossa Senhora.

A Mensagem de Fátima, co-

mo sabeis, é acentuadamente cristológica. Nem podia ser de outro modo, pois a mediação de Maria não tem outra finalidade que não seja a de aproximar os homens de Jesus: «Esta função subordinada de Maria não hesita a Igreja em proclamá-la; sente-a constantemente e inculca-a aos fiéis, para mais intimamente aderirem, com esta ajuda materna, ao seu Mediador e Salvador» (L. G. 62).

Nossa Senhora pede reparação e desagravo: «Quereis oferecer-vos a Deus para suportar todos os sofrimentos que Ele quiser enviar-vos, em acto de reparação pelos pecados com que Ele é ofendido e de súplica pela conversão dos pecadores? — Sim, quereis» (*Memórias da Irmã Lúcia*, 4.ª edição, pág. 60).

O Anjo havia concretizado a reparação dos ultrajes, sacrilégios e indiferenças com que Ele mesmo é ofendido no Santíssimo Sacramento da Eucaristia. Podemos dizer que a adoração eucarística em espírito de reparação é uma das ideias centrais da Mensagem de Fátima. E que bem a entenderam e viveram os pastorinhos!

Deste modo, se instituiu no Santuário o lausperene, assegurado pelas Religiosas Reparadoras de Nossa Senhora das Dores de Fátima, há vinte e seis anos.

O 70.º aniversário das Aparições é ocasião propícia para, em união com o Santuário, estabelecermos o lausperene nas paróquias onde não existe.

(...)

Um clima de Advento

Advento é jubilosa expectativa do que vai acontecer, é um estado de tensão serena e dinamismo interior para nos projectarmos mais além. Advento é um despertar da natural inércia em que é tão fácil cair. Advento é um emergir da mediocridade, para nos lançarmos na escalada de novos cumes que se vislumbram. Advento é disponibilidade perante os desígnios de Deus, manifestados pela voz profética do Santo Padre, sucessor de Pedro e Vigário de Jesus Cristo na terra. Advento é oferta generosa ao querer de Deus, oferta como a de Maria, sem condições e reticências: «Eis a escrava do Senhor». Advento é ânsia incontida de que aconteça o que Deus quer e como Ele quer. Advento é unir o nosso fiat ao fiat de Maria.

D. ALBERTO COSME DO AMARAL

Fátima dos pequeninos

N.º 82
MARÇO 1987



Querido amiguinho:

Penso que já conheces a frase que servirá para nos ajudar durante todo o ano:

CONTEMPLA COMO FRANCISCO E AMA COMO A JACINTA!

Queria que tu compreendesses o que é contemplar.

Conto-te o que me aconteceu quando tinha 4 ou 5 anos. O meu querido pai disse-me ao almoço: «Queres ver como fazem as andorinhas grandes a ensinar a voar as andorinhas pequeninas?» Fiquei radiante! Meu pai pegou numa escada e em dois pregos e fomos atrás do muro da parte rústica da casa. O pai pregou os pregos a diversas distâncias do muro e foi-se embora, esquecendo-se de avisar em casa onde me encontrava.

As andorinhas «pais», depois de um bocado vieram pôr-se nos pregos e chamavam os filhos, eles, subiam até à beira do ninho, abriam as asas, tentavam, tentavam... e eu cá de baixo a encorajá-los com palavras e com gestos. Não me escapava nenhum «pormenor», até que um voou. Eu, pela felicidade, rolava-me no chão.

Passou assim toda a tarde. Não me lembrei de ter sede, nem fome (e era de bom apetite) nem me lembrei da mãe que não ouvia chamar. Quando começou a escurecer, como que acordei no meu encantamento. Fui para casa. Vi a mãe e corri para ela. Tinha os olhos encarnados de tanto chorar, pois não me encontravam... deu-me dois bofetões. Mas eu, mesmo entre lágrimas, disse: «Mas as andorinhas voaram mesmo!»

«O Francisco, para fazer a sua oração e oferecer os seus sacrifícios, gostava de se ocultar até da Jacinta e de mim», escreve a Irmã Lúcia. «Não poucas vezes o íamos surpreender, de trás de uma parede ou de um silvado, para onde se tinha escapado, de joelhos, a rezar ou a pensar, como dizia ele, em Nosso Senhor triste por causa de, tantos pecados». Ele também não sentia nem sede, nem fome e não o ouvia quando o chamavam. Toda a sua atenção estava concentrada em Jesus. Contemplar, quer dizer mesmo isto: admirar atentamente, observar, concentrar-se não ligando a quem está à nossa volta...

Querido amiguinho, estamos na Quaresma e eu queria fazer-te uma proposta. Ao Domingo, quando vais à Missa, concentra-te em Jesus, como fazia o Francisco. Há meninas e meninos que durante a Missa, falam, riem, mexem-se... tu, como Francisco, olha para o altar. Está atento à voz de Jesus que te fala nas leituras e na explicação. E depois, fixa o altar onde Jesus se torna presente no teu amor. Só Jesus, por ser Deus, podia inventar uma coisa tão grande e tão simples como é a Eucaristia, ou seja a Sua presença na hóstia consagrada para poder estar junto de nós.



Rosa de Deus, rogai por nós
Mãe da Eucaristia, rogai por nós
Auxílio dos Cristãos, rogai por nós
Rainha dos Anjos, rogai por nós
Rainha dos Santos, rogai por nós
Virgem Poderosa, rogai por nós
Mensagem da Paz, rogai por nós.

Concordas? Então nas Missas desta Quaresma, pede ao Francisco que te ajude a contemplar como ele fazia.

Um abraço amigo da

IRMÃ GINA

Homilia do Sr. Bispo de Leiria-Fátima no 67.º Aniversário da morte de Jacinta

AMAR COMO A JACINTA

Tem-se dito, repetidamente, que a Mensagem de Fátima é a síntese do Evangelho para os homens do nosso tempo, e não só do nosso tempo, mas de todos os tempos, porque ela traz consigo a perenidade dinâmica do Evangelho. É verdade!

Lemos no Evangelho de S. Marcos: «Se alguém quiser seguir-Me, negue-se a si mesmo, pegue na sua cruz e siga-me» (8, 34). Estas palavras de Jesus foram repetidas, substancialmente, por Nossa Senhora, aqui, na Cova da Iria: «Querejs oferecer-

vos a Deus para suportar todos os sofrimentos que Ele quiser enviar-vos, em acto de reparação pelos pecados com que Ele é ofendido e de súplica pela conversão dos pecadores? — «Sim, queremos», responderam as crianças. E Nossa Senhora acrescentou: — «Ide, pois, ter muito que sofrer, mas a graça de Deus será o vosso conforto. Já um ano antes, o Anjo as havia interpelado no mesmo sentido: «Que fazeis? Orai, orai muito! Os corações de Jesus e Maria têm sobre vós desígnios de misericórdia. Oferecei constantemente ao Altíssimo orações e sacrificios».

Das três crianças, a que mais intensamente e mais profundamente captou o valor do sofrimento reparador e salvador, parece ter sido a Jacinta. (...).

De tal maneira Deus amou os homens deste século que lhes deu esta maravilha, este milagre vivo que é a Jacinta, tão identificada com Jesus, no seu amor a Deus e no seu amor aos homens. Nós, os homens de hoje, os cristãos de hoje, temos necessidade desta loucura divina, bem patente na vida da Jacinta: a loucura do amor até dar a vida. Perante as mortificações desta criança, mortificações procuradas, desejadas, amadas, quem há aí que se atreva ainda a pensar em masoquismo ou maniqueísmo, quando se fala de ascese, de mortificação corporal voluntária? Só poderão pensar assim os que nada entendem da Cruz de Cristo, ou se tornaram seus inimigos, como diria S. Paulo (Cfr. Filip. 3, 18).

Ninguém amou tanto os homens como Jesus Cristo que deu a vida por eles. A Jacinta apareceu-nos desde pequena especialmente vocacionada para este amor crucificado. Basta lembrar aquela cena dos abraços e beijos ao crucifixo, na casa da Lúcia: «Porque me não mandas beijar aquele Nosso Senhor que está ali... A Nosso Senhor, dou quantos (beijos) quiseres». Ao saber que Jesus morrera por causa dos nossos pecados, a pequenita enternecia-se e chorava com pena: «Coitadinho de Nosso Senhor! Eu não hei-de nunca fazer nenhum pecado. Não quero que Nosso Senhor sofra mais». «Gostei tanto de dizer a Jesus que O amo! Quando lhe digo muitas vezes, parece que tenho luem no

peito, mas não me queimam!

Amar como a Jacinta, reclama, pois, de cada um de nós, que amemos assim apaixonadamente a Jesus, com um amor directo e pessoal. Amar a Jesus re-



Imagem de N.ª Senhora do Rosário da Igreja Paroquial de Fátima

clama amar os que Jesus ama; e, por isso, a Jacinta amava a Mãe de Jesus, com esse amor de reparação tão conhecido, e amava os pecadores por cuja conversão fazia essas mortificações inauditas, impensáveis numa criança, sem uma graça especial do Espírito Santo. O amor da Jacinta para com Deus, para com Jesus Cristo, Perfeito Deus e Perfeito Homem, para com a Mãe de Deus e Mãe nossa, para com os homens que Deus ama, particularmente os mais pobres que são os carecidos da graça que santifica e salva, este amor da Jacinta, vai ser para todos nós, durante este ano de 1987, um desafio, uma interpelação a que não podemos nem queremos furtar-nos.

Possa o seu exemplo acordar-nos da inércia e mediocridade em que temos vivido e despertar em nós ânsias de caminhar rumo aos cumes do amor, para que amemos, como Deus ama, todos os que Ele ama.

Não nos podemos habituar a Fátima, advertiu o Bispo de Leiria-Fátima

Presididas por D. Alberto Cosme de Amaral, bispo de Leiria-Fátima, realizaram-se no dia 13 de Fevereiro, no Santuário de Fátima, as celebrações da peregrinação mensal.

A homilia da Eucaristia de encerramento foi proferida pelo jovem sacerdote Rev. P. Carlos José Santos, dos Padres de Santa Cruz, na qual salientou o exemplo e o contributo de Maria na obra da redenção, como motivo do empenhamento do cristão.

A terminar esta Eucaristia, D. Alberto, referindo-se ao apelo de Paulo VI, o primeiro Papa que visitou Fátima, disse que os portugueses têm o dever de ser os primeiros a dar resposta, a conhecer, a viver e a difundir a

Mensagem. A propósito, referiu vários testemunhos de empenhamento cristão que a Mensagem de Fátima tem provocado, principalmente em países do Extremo Oriente e do Leste Europeu.

Salientando a actualidade desta mensagem disse: «Não nos podemos habituar a Fátima, devemos retomar, constantemente, nas nossas vidas, os seus apelos à conversão e à penitência».

Nesta concelebração estiveram presentes 12 sacerdotes. Os fiéis participaram em grande número, vindos, predominantemente, da paróquia de Fátima e de lugares circum-vizinhos.

A peregrinação encerrou com o canto do «Salve Regina», na Capelinha das Aparições.

UM TESTEMUNHO DE FÉ

Por ocasião da semana de oração pela unidade dos cristãos, o jornalista francês Jean Toulat, publicou com o título «A fé reina na União Soviética o testemunho de Tatiana Goritcheva» uma interessante entrevista.

Nessa entrevista Tatiana Goritcheva fala da Mensagem de Fátima, motivo pelo qual transcrevemos as suas referências a esta mensagem.

Tatiana nasceu em Leninegrado. Seu pai, topógrafo, e sua mãe, professora de história, são ateus. De uma inteligência viva, ela tornou-se, aos 17 anos, chefe de Komsomol (juventude comunista) e depois professora de filosofia.

«Insatisfeita com a ideologia oficial, procurava o sentido da vida. Li Nietzsche, Camus, Sartre, mas aspirava a qualquer

coisa de mais profundo. Tornei-me uma adepta do Yoga. Para além da ginástica e dos exercícios respiratórios, esta disciplina comporta a meditação. Foi assim que eu comeci a meditar uma oração cristã, o Pai Nosso.»

Desde então, Tatiana procura aprofundar a sua fé. Passa o tempo num mosteiro. Com outros convertidos, criou, em Leninegrado, um círculo de estudos clandestinos. Em Julho de 1980 partiu para o exílio.

«O meu director espiritual disse-me que eu devia emigrar para dar testemunho da Igreja russa no Ocidente. Estudando continuamente a teologia, tento fazer descobrir a ortodoxia aos católicos e o catolicismo aos ortodoxos. Trabalho, assim, para a restauração da Igreja indivisa, antes do cisma.»

A mensagem de Fátima

Segundo Tatiana Goritcheva, fala-se demasiado desta mensagem num sentido apocalíptico, na perspectiva de uma terceira guerra mundial. «Eu não gosto deste medo, desta angústia. A Virgem pede-nos, antes de mais, a nossa conversão porque somos pecadores. Segundo Lúcia, a vidente, a Rússia espalhará os seus erros no mundo, mas, finalmente, a Virgem triunfará.

Para mim, a Rússia já está salva interiormente. As pessoas procuram Deus, encontram Deus. Vê-se cada conversão! O meu director espiritual baptizou agentes do KGB.

A melhor resposta ao apelo de

Fátima é a oração.

Como o sangue dos mártires, ela é uma semente de cristãos. Depois de uma conferência, na Áustria, uma religiosa idosa veio procurar-me de lágrimas nos olhos. Desde há quarenta anos, ela rezava todos os dias pela salvação da Rússia. Finalmente, acabava de ouvir o testemunho de uma convertida.»

Pergunto a Tatiana: — Reza por Mikael Gorbatchev? — «Ainda não, mas creio que o deva fazer, pois rezava por Brejnev e por Andropov.»

J. Toulat

Hoteleiros de Fátima reuniram-se

Prosseguir os esforços de melhoramento das estradas de acesso a Fátima, de abastecimento de água e de policiamento, entre outros, são as principais prioridades apontadas pelo presidente da Câmara de Vila Nova de Ourém no decorrer do IX encontro dos hoteleiros de Fátima realizado no passado dia 6 de Fevereiro.

Este encontro, promovido pelo serviço de peregrinos do Santuário de Fátima, contou com a participação de mais de 80 pessoas ligadas à hotelaria e turismo de Fátima.

O IX encontro de hoteleiros de

Fátima teve início no começo da tarde do dia 6 com uma saudação a Nossa Senhora na Capelinha das Aparições, depois da qual os participantes seguiram, em autocarro, para Ourém. À chegada, o Reitor do Santuário de Fátima, Mons. Luciano Guerra, presidiu à celebração da Eucaristia na igreja da Colegiada. Seguiu-se, depois, uma visita guiada ao antigo castelo, após a qual se seguiu uma recepção, para apresentação de cumprimentos, pelo presidente da Câmara de Vila Nova de Ourém, num restaurante da antiga vila.

Os 80 anos da Irmã Lúcia

Nascida a 22 de Março de 1907, completa agora 80 anos a Vidente de Fátima, Lúcia de Jesus Santos, em religião, Irmã Maria Lúcia de Jesus e do Coração Imaculado.

Alma privilegiada, recebeu desde a primeira infância favores extraordinários, como ela conta, na sua Segunda Memória, escrita em obediência ao Senhor Bispo de Leiria, D. José Alves Correia da Silva:

«Parece-me, Ex.ª e Rev.ª Senhor, que o nosso Bom Deus se dignou favorecer-me com o uso da razão, muito criancinha ainda. Lembro-me de ter consciência cos meus actos, desde o colo materno. Lembro-me de ser embalada e de adormecer ao som de vários contos».

Privilegiada foi também a sua primeira confissão que fez com o santo Padre Cruz, que igualmente lhe administrou a primeira Comunhão:

«O bom sacerdote (Padre Cruz), depois de me ter ouvido, disse-me estas breves palavras: 'Minha filha, a sua alma é o templo do Espírito Santo. Guarde-a sempre pura para que Ele possa continuar nela a sua acção divina'. Ao ouvir estas palavras, senti-me penetrada de respeito pelo meu íntimo, e perguntei ao meu bom confessor como devia fazer.

— De joelhos, aí, aos pés de Nossa Senhora, peça-lhe, com muita confiança, que tome conta do seu coração, que o prepare para receber amanhã, dignamente, o seu querido Filho, e que o guarde para Ele só!

Havia na igreja mais que uma imagem de Nossa Senhora. Mas, como minhas irmãs arranjavam o altar de Nossa Senhora do Rosário, estava, por isso, habituada a rezar diante dessa; e, por isso, lá fui também dessa vez pedir-lhe, pois, com todo o ardor que fui capaz, que guardasse, para Deus só, o meu pobre coração. Ao repetir várias vezes esta humilde súplica, com os olhos fitos na imagem, pareceu-me que ela se sorria e que, com um olhar e gesto de bondade me dizia que sim. Fiquei tão inundada de gozo que a custo conseguia articular palavra».

Na segunda Aparição, no dia 13 de Junho, declara Nossa Senhora qual a missão de e Lúcia promete-lhe, como já na primeira Aparição, salvação eterna:

«A Jacinta e ao Francisco, levo-os em breve, mas tu ficas cá mais algum tempo. Jesus quer servir-se de ti para me fazer conhecer e amar. Ele quer estabelecer no mundo a devoção ao meu Imaculado Coração».

— Fico cá sozinha? — perguntei com pena.

— Não, filha. E tu sofras muito? Não desanimes. Eu nunca te deixarei. O meu Imaculado coração será o teu refúgio e o caminho que te conduzirá até Deus».

E na despedida, dizia Jacinta à sua confidente Lúcia:

«— Tu ficas cá para dizeres que Deus quer estabelecer no mundo a devoção ao Imaculado Coração de Maria. Quando fores para dizer isso, não te escondas. Diz a toda a gente que Deus nos concede as graças por meio do Coração Imaculado de Maria».

Fiel à sua missão de propagar pelo mundo a devoção ao Imaculado Coração de Maria, tem sido a Irmã Lúcia na sua já longa vida de 80 anos.

P. FERNANDO LEITE

MOVIMENTO DOS CRUZADOS DE FÁTIMA

Não percamos o tempo

UMA PROPOSTA DUMA DEFICIENTE FÍSICA

Respondendo a um pedido que me fizeram, aqui estou para convosco reflectir no tema: «CONTEMPLAR COMO O FRANCISCO... AMAR COMO A JACINTA», que este ano vai ser tratado no Santuário de Fátima, lugar onde o meu espírito se tranquiliza e robustece de energias espirituais para o meu dia a dia. É ali que se sente e percebe a Mensagem da Senhora, Mensagem que Ela confiou à Sua Igreja e ao mundo. Nós, os doentes, estamos muito ligados à mensagem de Fátima, pois, logo a partir da 2.ª Aparição, Nossa Senhora teve sempre uma palavrinha para nós.

Nossa Senhora ensinou o Francisco a contemplar e a Jacinta a amar. Queria meditar convosco o testemunho destas duas crianças. Contemplar como o Francisco é uma amostra de quanto os nossos olhos podem ver ao longe as maravilhas de Deus e quanto de bom eles podem colher para fortalecer a nossa Fé. Este olhar não é apenas com os olhos do corpo mas sobretudo com os olhos do espírito.

Nossa Senhora disse em 13.5.1917 que o Francisco tinha de rezar muitos terços para ir para o Céu. Como ele correspondeu com fidelidade a esta recomendação de Nossa Senhora! Foi através do terço que ele chegou à mais alta contempla-

ção que o conduziu a uma profunda adoração ao Santíssimo Sacramento. Francisco, embora criança, tinha um coração grande que o levou ao amor contemplativo. Foi no silêncio, com o «Jesus Escondido» no sacrário que ele chegou a um grande grau de contemplação. A sua alegria e felicidade era estar com «Jesus Escondido». Fazia de Jesus o seu Mestre espiritual, Aquele que consola, ilumina e ampara os que sofrem. Aprendeu a ser manso e humilde como Jesus ensinou: «aprendei de Mim que sou manso e humilde de Coração». Nessa escola ele aprendeu a abraçar todos os sacrifícios por Aquele que tanto o amou, que se deixou crucificar. «Gosto de estar sozinho para pensar», dizia ele.

Que todos nós, queridos irmãos doentes e deficientes físicos, aprendamos a contemplar como o pequenino Francisco. Não percamos tempo a pensar em coisas inúteis e até de pecado. Se quisermos pois fazer como o Francisco, procuremos os meios e os caminhos que ele percorreu: o terço contemplado e meditado e a escola de Jesus Cristo que se nos dá na Comunhão e está nos nossos sacrários. Mesmo sem podermos sair de casa, estejamos com o nosso pensamento e coração junto de Jesus nos nossos sacrários.

No próximo mês reflectirei convosco sobre como Jacinta amou.

VITÓRIA NOGUEIRA

Preciosa a colaboração dos Párocos

A fim de responder ao artigo 1.º dos estatutos do Movimento, decidiu o Conselho Nacional promover cursos interdiocesanos neste septuagésimo aniversário das aparições.

Como já noticiámos, o primeiro foi realizado em Lamego, estando presentes representantes das dioceses de Viseu, Vila Real e Lamego. Fez o encerramento dos trabalhos o Sr. Arcebispo-Bispo de Lamego, manifestando o seu apreço pelas iniciativas do Movimento e animando os responsáveis a prosseguirem nessas actividades.

O segundo curso interdiocesano teve lugar em Albergaria-a-Velha, participando nele as dioceses de Aveiro, Braga, Coimbra, Leiria e Porto. Dignou-se estar algum tempo connosco o Sr. D. António Marcelino, Bispo Coadjuutor de Aveiro que se congratulou com as actividades que se estavam a realizar e insistiu na necessidade de se aprofundar mais e mais a Mensagem de Fátima e apresentá-la na sua originalidade e autenticidade de forma a responder aos problemas novos dos nossos tempos.

O terceiro curso realizou-se em Linhó-Sintra e neste estiveram presentes as dioceses de Algarve, Beja, Évora e Lisboa.

Houve a preocupação de nestes cursos se dar uma imagem do que é a Mensagem de Fátima à luz da Bíblia e magistério da Igreja e apresentar as devoções pedidas por Nossa Senhora como caminho de conversão e verdadeira vida cristã. Insistiu-se na urgência, importância e necessidade de o Movimento responder ao desejo do Episcopado Português, presente nos seus estatutos: não instrumentalizar a Mensagem de modo a deformarem-se os objectivos que N.ª Senhora teve em vista, em Fátima. Recordou-se João Paulo II, que afirmando ser esta Mensagem hoje mais actual do que em 1917, expressou o desejo de que a mesma seja conhecida e vivida.

Como prolongamento deste trabalho interdiocesano, algumas dioceses promoveram já cursos diocesanos para responsáveis e animadores paroquiais, como: Beja, Braga, Coimbra, Lamego, Leiria e Viseu, e outros se lhes vão seguir em Algarve, Bragança, Beja, Vila Real e nos Açores nas Ilhas de S. Miguel, Terceira, Faial e S. Jorge. O Secretariado Nacional está a colaborar nestas iniciativas que nos parecem indispensáveis à vida do Movimento.

Temos verificado que onde há colaboração dos párocos, tudo vai melhor e mais depressa.

Que vamos oferecer a Nossa Senhora

Amigos!

A Senhora espera de nós um presente. Não porque dele precise mas porque nós lho queremos dar.

A nossa adesão foi livre, o nosso sim espontâneo. Oferecer a Maria um presente implica vestir-se da vontade firme de quem dá e da alegria de quem recebe; sentir nas mãos o calor de um coração feito dom. E então, preparar a Festa...

E o presente?

Embrulhá-lo e colocar um laço bonito num pacote de cartão não basta para quem é Mãe, Amiga, Modelo de discípulo fiel ao seu Mestre.

A exigência de Maria é outra. É, quiçá, a mesma exigência que a levou a ter unicamente uma resposta a dar ao convite de Deus: «Faça-se...» Em Maria Deus age tão naturalmente que é difícil distinguir o que é zona de um e/ou de outro.

Porque exigir é abrir-se. E Maria cria em si um espaço de entrega à semente do alto.

Porque doar-se é confiar. E Maria confia no Senhor que vem e toca ao de leve, ternamente.

Porque acreditar é aceitar o desafio. E Maria apostou em Deus. Em solidão e silêncio, deixou-O rezar, florescer em Si sob a graça fecunda do Espírito feito «Sombra».

Mas... tinha ficado no embrulho. Ah! E um laço bonito a enfeitar. Só que... não, talvez não. O Coração de Maria dá tudo. Exige tudo, mas em abertura, disponibilidade, dádiva, sorriso, Graças aos molhos... molhos e molhos de malmequeres tão ao jeito da simplicidade de uma pequena-grande mulher de Nazaré. E de Nazaré a Fátima, passando por mil outras raças e lugares — Maria é de todos nós.

Preparar a festa, vestir o coração, plantar até malmequeres nos nossos campos!... regar montes e vales, inundá-los de alegria, e, no dia 12 de Setembro lá estaremos diante da capelinha onde um dia a ternura de Deus se tornou «Uma Senhora mais Brilhante do que o Sol».

P. S.

Ah!... Já esquecia o recado que tinha para vos dar!

N. B. Dia 25 de Março, aí mesmo, onde um dia a Senhora vos tocou, pensem que presente dar a Maria, e ofereçam-no realmente em propósito, para que a intenção e o acto se tornem mais VIDA em Fátima, dia 12 de Setembro, na Peregrinação de todos os Cruzados (de Fátima).

MARIA TERESA FERREIRA
SECTOR JUVENIL

ANCORAR-SE À FÉ

Jesus, ao iniciar o seu apostolado na Galileia disse: «convertei-vos e crede no Evangelho» Mc. 1, 15. Durante a vida pública vemos muitas vezes Jesus a louvar aqueles que creem e que a Ele recorrem pedindo alguma cura para si e para outros.

Recorrem a Ele porque têm fé e Jesus opera milagres só para aqueles que têm fé. Em Nazaré não fez milagres, pois eles não acreditavam.

Para aprender a rezar devemos tomar uma atitude de confiança em Jesus. Nem sempre é fácil mas temos de apelar por isso. Aprendamos com Maria que ouvia sentada aos pés de Jesus; com Marta que ouvia enquanto preparava a refeição; com a mulher adúltera que escutava o perdão de Jesus; com Pedro que reagia com violência mas se tornava dócil às inspirações; com João que ouvia numa atitude aberta e amorosa; com Sua Mãe que guardava no seu Coração todas as coisas.

Que fé temos nós, cristãos, que pertencemos ao Movimento dos Cruzados de Fátima? Aproximamo-nos do Senhor com confiança Nele? Quando rezamos no nosso quarto, em casa, na Igreja, acreditamos Nele? Quando lemos uma página do

Evangelho, quando ouvimos um sermão ou uma homilia reflectimos naquilo que ouvimos, naquelas palavras que mais nos impressionaram? Será uma boa maneira de fazer com que estes pensamentos penetrem no íntimo do nosso coração, um ponto de apoio que permitirá à nossa fé tornar-se mais forte.

Há coisas pequenas que podem tornar a nossa fé mais forte: uma palavra do Evangelho, uma inspiração, uma graça recebida, um gesto de bondade para com um pobre, o assumir as preocupações dum irmão doente. Não importa o momento em que esta luz aparece o que é importante é guardá-la no nosso coração e reflectir, e a nossa fé irá crescendo.

E, assim, ser-nos-á possível, também a nós, repetir como Marta: «Senhor, se tivesses estado aqui meu irmão não teria morrido» (Jo. 11, 21); como os dois cegos: «Filho de David, tende piedade de nós» (Mt. 9, 27); ou como Pedro na sua profissão de fé: «Tu és Cristo, Filho de Deus vivo!» (Mt. 16, 16).

E assim se faz luz dentro de nós e cresce a nossa confiança em Cristo Jesus no dia a dia.

VOGAIS DA PASTORAL
DE ORAÇÃO

Actividades do Secretariado Nacional

para o mês de MARÇO

BRAGA — Curso Diocesano . . . 1-3
BEJA — Curso Diocesano . . . 5-3
AÇORES — Curso na Ilha Terceira 10-16

AÇORES — Curso na Ilha de S. Miguel 16-22
AÇORES — Curso na Ilha de S. Jorge 23-25
AÇORES — Curso na Ilha de Faial 25-30

Estatutos postos em prática na Paróquia da Bodiosa

Nesta paróquia, concelho e diocese de Viseu, cujo pároco, depois de contactado várias vezes pelo Secretariado Diocesano, decidiu arrancar a sério com o Movimento dos Cruzados de Fátima, Assim, entre Fevereiro e Dezembro de 1988, constituiu nada menos que 21 Trezenas nas povoações da freguesia e organizou a Direcção Paroquial com os seguintes

elementos:
Assistente — P. Valdemiro Pereira Coelho.
Presidente — António Lage Oliveira.
Secretário — Fernando da Silva Loureiro.
Tesoureiro — Maria da Trindade.
Vogal da Pastoral de Oração — Maria da Natividade Loureiro.

Vogal da Pastoral de Preg. — Maria Palmira Leitão.
Vogal da Pastoral de Doentes — Albertina Mendes dos Santos.
Quem dera que mais paróquias, não só de Viseu, mas outras dioceses de Portugal fizessem o mesmo neste ano do 70.º Aniversário das Aparições da SENHORA DA MENSAGEM!

RUI BARBOSA